



Da história da fenomenologia à ética na psicologia: tributo ao centenário de Filosofia como Ciência Rigorosa (1911) de Edmund Husserl

**From phenomenology's history to ethics in psychology: tribute to the
centenarian of Philosophy as a Rigorous Science (1911) from Edmund
Husserl**

Cristiano Roque Antunes Barreira
Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

A intimidade entre a história da fenomenologia e a da psicologia se constata por um percurso que apresenta brevemente alguns textos selecionados para extrair a concepção de vida ética que atravessa de modo contínuo o trabalho de Husserl. Retomando o artigo centenário 'Filosofia como Ciência Rigorosa' vê-se a compreensão histórica da fenomenologia resumindo concisamente a ética husserliana. Husserl entende haver uma *enteléquia* humana que pode ser identificada como um pré-sentimento que, no limite, visa à realização do ser humano. O modo de realização, assim como é a consciência humana, é algo em aberto, mas nem por isto menos uma tensão e nem por isto não sujeito a algumas leis que estarão intimamente apegadas à natureza temporal da própria consciência. A apercepção do conjunto integral da própria vida pessoal, seguida de reflexão é o método ético geral. No conjunto da obra husserliana, a ética se confunde com o próprio fazer fenomenológico.

Palavras-chave: fenomenologia; psicologia; ética

Abstract

The intimacy between the history of phenomenology and psychology's history is shown by a way that briefly presents some selected texts to extract the ethical life conception on Husserl works. By the centenarian article 'Philosophy as a Rigorous Science' the historic comprehension of phenomenology is visible as synthesizing de husserlian ethics. Husserl understands that there is a human entelechy which can be identified as a pre-feeling that, at the limit, is directed to the realization of human being. The way of realization, as well is the human consciousness, is something opened, but still a tension e subject of laws attached to the temporal nature of consciousness flow. The apperception of integrality of personal life, followed by the reflexivity is the general ethical methods. In the husserlian work, ethics is mixed with the phenomenological action.

Keywords: phenomenology; psychology; ethics

Introdução

Uma fenomenologia da vida ética conforme desenvolvida pelo fundador desta corrente de pensamento, Edmund Husserl (1859-1938), reconduz os movimentos de reflexão às dimensões vivenciais que a definem em função da experiência do sujeito, isto é, guardando um fio condutor essencial em meio à variedade de experiências. Esta caracterização, além de dizer respeito à problemática filosófica que nunca deixou de gerar produtivas polêmicas em torno da fenomenologia husserliana, indica que a experiência da vida ética tem também implicações para o campo da psicologia contemporânea que devem comparecer no norteamo de



suas reflexões, métodos e intervenções. O objeto deste trabalho é justamente a essência da vida ética pessoal na fenomenologia de Husserl, evocando-se o que se compreende como sua implicação fundamental para a psicologia. Os procedimentos que pautam este artigo buscam situar historicamente a fenomenologia husserliana tal e qual a mesma se entendeu, o que significa compreender aspectos das polêmicas com as quais dialogou e a proposta por ela realizada como alternativa filosófica definitiva. A história da fenomenologia está intimamente relacionada à história da psicologia e, como se verá, foi justamente em meio às tendências científicas que influenciavam a psicologia da época que Husserl posicionou a fenomenologia como modo adequado de investigar a psique. Após uma caracterização rápida da fenomenologia, este trabalho apresenta brevemente os textos e a justificativa de sua seleção para extrair a prática ética que atravessa de modo contínuo o trabalho de Husserl, dedica-se mais detidamente ao texto tido como o “manifesto” da fenomenologia, cujo centenário se completa agora (2010-2011) e que permite o entendimento histórico do surgimento da fenomenologia para, em seguida, resumir concisamente a *vida ética* na abordagem husserliana indicando o que se compreende aqui como sendo sua implicação fundamental para a psicologia contemporânea. Posicionamentos de diferentes autores sobre o tema ético em Husserl são referenciados a fim de articular as considerações realizadas.

A fenomenologia

No sentido de evitar um daqueles que está entre os mais comuns mal-entendidos em torno da fenomenologia desde seus primórdios, é preciso superar o preconceito que a associa muito rapidamente à filosofia platônica tratando por idênticas as categorias de essência de uma e outra. A busca da essência na fenomenologia é a busca de redução ao sentido, à característica última e definidora de um fenômeno tal e qual o mesmo se mostra à consciência. De fundamental importância nesta redução é toda a atividade de subtração exercida de modo reflexivo e que visa iluminar o fenômeno desobstruindo os estratos que o torna confuso e obscuro em meio às vivências. A subtração fenomenológica é o método segundo o qual se pode superar as concepções dualistas que ao longo da história do debate filosófico tendiam a privilegiar o sujeito ou o objeto, delineando *grosso modo* idealismos e materialismos. Tal superação (Bodei, 2000) não está meramente no método, mas na concepção de consciência definida pela categoria de *intencionalidade* tornando a consciência sempre *consciência de*, impossibilitando uma análise do sujeito alheia ao objeto e uma análise do objeto alheia ao sujeito. Assim, a análise da consciência é análise intencional. Análise de uma intenção que pode se manifestar de maneiras mais ou menos ativas, como seriam nessa ordem decrescente os casos dos atos de vontade, dos atos psíquicos e dos atos perceptivos desde seus princípios corporais de maior passividade (Husserl, 1938/2006). O interesse de Husserl, como se evidencia, se volta a uma gnosiologia que, frente ao que já havia sido feito na filosofia, e conseqüentemente na cultura, ele mesmo julgava deste modo: “parece-me que eu, o pretense reacionário, sou mais radical e mais revolucionário que aqueles que hoje se manifestam tão radicais em suas palavras” (Husserl, 1935/1996, p. 83).

Percursos

Perreau (2008) distingue dois períodos nas reflexões de Husserl sobre a ética. O primeiro, indo até 1914 (Husserl, 1908-1914/2009), procura “formalizar a ética a partir de uma analogia estabelecida com a lógica” (Perreau, 2008, p. 123) e o segundo, no pós-guerra, se orienta “em direção à consideração da vida prática subjetiva e, nela, da realização de si enquanto pessoa” (p. 124, nossa tradução). O autor destaca que o modo como aborda esta periodização se distingue daquele de um clássico artigo de Ulrich Melle (1991) em que se sublinha a unidade de fundo das reflexões de Husserl sobre a ética. O presente artigo privilegia a dimensão



pessoal daquelas reflexões pontuando a idéia de *vida ética*, sem se dedicar às análises mais fundamentais que evidenciam o conjunto da temática ética em Husserl, sejam as da lógica, sejam as análises baseadas na atuação das sínteses passivas na constituição da pessoa, cuja importância não é menor. Na mesma linha de Perreau, Ferrarelo (2008) reconhece que, entre as diferenças dos dois períodos, da parte de Husserl, "a insatisfação face à primeira formulação de sua ciência ética e a introdução do método genético conduzem Husserl a nutrir novas exigências para sua ética. Em 1924, ele quer uma ética mais próxima das escolhas pessoais dos homens, capaz de orientar as ações individuais dos sujeitos" (p. 63-64, nossa tradução). Portanto, longe de exaurir a extensa reflexão husserliana sobre a ética presente ao longo de sua obra, busca-se para o presente propósito delinear a de acordo com aspectos já implicitamente presentes em *A filosofia como ciência rigorosa* (1911), em seus artigos redigidos entre 1922-1925 para a revista *Kaizo* e na conferência pronunciada em Viena no ano de 1935, *A crise da humanidade européia e a filosofia*. O recorte dos textos contempla escritos de três diferentes décadas e segue a pista de que há uma mesma intenção prática ética implícita no manifesto que completa seu centenário, explícita nos artigos da década de 1920 e, finalmente, disseminada na conferência de 1935. Embora outros textos da década de 1930 pudessem fazer o papel exemplar no delineamento ora pretendido, optou-se por seguir a pista de Laurent Joumier (1922-25/2005) que compara a conferência de Viena a uma re-escritura dos artigos para a *Kaizo* e sinaliza que se Husserl deixou de falar de ética foi simplesmente porque esta se tornou onipresente em seus escritos sendo "o problema filosófico maior ao qual todos os outros parecem subordinados" (p. 17).

Na conferência Husserl articula o reconhecimento do *telos* espiritual europeu como tensão ao infinito a um tornar-se "meta prática da vontade" (Husserl, 1935/1996, p. 72). A tensão ao infinito, gestada como e desenvolvida pela filosofia, tem para Husserl seu modelo original na idealidade matemática, sendo propriamente uma idéia infinita. Já as metas práticas de vontade se desdobram como esforços de aplicações de "*infinitudes intencionais*" (Husserl, 1935/1996, p. 74) na ciência e também na política, ou seja, de idéias que, para além da finitude existencial de quem as aplica, orientam-se ao infinito. Se, aqui, à própria definição de vida ética pessoal foi antecipada a articulação entre a tomada de consciência do *telos* e a sua participação na meta de vontade, é porque se quer sustentar que a tarefa da psicologia é tributária das origens e desenvolvimentos da filosofia e não pode, portanto, limitar-se a ser arte ou ofício, já que leva em seu seio a mesma tensão ideal, a cientificidade. Mas antes da expressão deste *telos*, contudo – e o fundamentando – está uma tensão prévia, um pré-sentimento tratado por Husserl como *enteléquia* que, no limite, visa à realização do ser humano. Deve-se, certamente, do mesmo modo que é a consciência humana, tratar o modo de realização como algo em aberto, mas nem por isto menos uma tensão e nem por isso não sujeito a leis que estarão intimamente apegadas à natureza temporal da própria consciência. Acredita-se que, em sua atividade prática, é frente a esta característica que a psicologia contemporânea protagoniza um papel fundamental para a realização do ser humano, o que não pode ser outra coisa senão sinônimo de realização ética. A *vida ética* em Husserl, assim, em acordo com a reflexão de Monseu (2008), "não repousa unicamente sobre a fundação da ética numa teoria do valor e sobre a análise dos atos avaliativos da consciência (problematizando a validade dos correlatos objetivos desses atos), mas engaja uma concepção de identidade pessoal onde a realização de si e da vida em comum é o seu *telos*" (p. 69, nossa tradução). Nesse sentido, embora se possa explicitar a dimensão transcendental da ética propriamente dita, ou seja, demonstrar a análise em nível transcendental que, realizada por Husserl, leva a uma leitura do imperativo ético (Trincia, 2007), é na dimensão do sujeito empírico, portanto, naquela dimensão própria à atitude reflexiva pessoal que se realiza a essência da *vida ética*.



A fenomenologia: história de sua emergência

Considerado como o *manifesto da fenomenologia*, e publicado pela primeira vez em 1910/1911 na revista *Logos, A filosofia como ciência rigorosa* sistematiza o projeto fenomenológico como a exigência que emerge de uma polarização filosófica estabelecida no século XIX. A própria organização do texto em três partes compostas por uma abertura e mais duas abordagens críticas – uma dirigida à *filosofia naturalista* e outra dirigida ao *historicismo* – expressa nitidamente a presença destas posições hegemônicas no século que precedia aquela redação. Edmund Husserl (1859-1938), matemático de formação, inspirado e atraído por uma nova psicologia desenvolvida no ocaso do século XIX, concebeu como operação psíquica a fundação da matemática nas relações entre unidades numéricas no primeiro de seus livros, *A filosofia da Aritmética*, publicado em 1891. Estava ali, no veio das concepções psicologistas e historicistas daquele gênero, um dos posicionamentos contra os quais se ergueria sua *fenomenologia* no despertar do novo século. Até então, psicologismos e historicismos de variadas sortes se defrontavam com a ciência naturalista e sua concepção filosófica de base. A potência técnica e o progresso científico, oriundos de procedimentos apoiados na naturalização dos *factos*, davam o benefício à última e inspiravam elevadas esperanças num desenvolvimento civilizacional prometeico. Para Husserl (1910-11/2005a), contudo, e contra todas as acusações à fenomenologia de ser uma filosofia apolítica, a filosofia naturalista presente no modelo científico natural conduz a uma ciência “que se cumpre de uma forma que é fundamentalmente errada (...) e um crescente perigo para a nossa cultura” (p. 11). O que veio a significar este perigo está narrado pela história do mais cruel de todos os séculos, quando a materialização da ciência efetivou algumas de suas próprias concepções com nomes e significados tão diversos – e de efeitos beligerantes tão equiparáveis – como comunismo, liberalismo e nazismo. A evasão do sentido na supervalorização da técnica era, portanto, de alguma forma já prevista pelas reflexões husserlianas que permaneceriam problematizando as implicações éticas de modo explícito ou implícito pelo menos em dois momentos, cujos escritos são consequentes à primeira guerra e à ascensão nazista ao poder alemão.

Era insuficiente para Husserl a confutação das previsíveis conseqüências de se pôr em prática concepções científicas equivocadas. Mais do que tal crítica negativa, impunha-se a “necessidade de uma crítica positiva dos princípios e métodos” (Husserl, 1910-11/2005a, p. 11). Essa crítica positiva emerge como fenomenologia. No mesmo sentido – e reforçando o fio de Minerva da fenomenologia – Ales Bello dá à *epoché* o sentido de: “método a ser seguido para uma investigação filosófica que queira ter presente com equilíbrio o criticar e o construir, entendido, este último, como o *dar as razões* daquilo que se está examinando, colhê-lo na sua estrutura essencial” (Ales Bello, 2006, p. 12). A positividade fenomenológica – distinta e distante do positivismo – desvela-se por um procedimento subtrativo que suspende juízos prévios a fim de acessar os modos conscienciais atuantes na constituição dos fenômenos e suas essências. Nestes modos intencionais, diferentemente de um *psicologismo*, compreende-se mutuamente o objeto correlato que se encontra na essência da consciência que se define sempre como *consciência de*.

O naturalismo, de sua parte, torna naturais todos os fenômenos, inclusive os psíquicos, que serão entendidos como estando em função de relações físicas. A natureza fora definida como “unidade do ser espaço-temporal regulado por leis naturais exatas” (Husserl, 1910-11/2005a, p. 13). São as relações entre tempo e espaço que tudo determina e precisam ser descobertas pela ciência. Os procedimentos para fazê-lo são os experimentais, onde por experimento verifica-se um complexo de “ordenação metódica, conexão das experiências e obediência a regras logicamente determinadas” (p. 23). Há em meio a isto um *jogo recíproco de*



experimental e pensar. Para o naturalista este é um jogo factual derivado simplesmente de leis físicas (naturais) onde mesmo o pensamento poderá ser entendido através das regras científicas a serem descobertas pela psicofísica. Este entendimento de uma determinação psicofísica presente no naturalismo exemplifica o que Husserl (1910-11/2005a) chama de ingenuidade naturalista, onde "a ciência da natureza assume a natureza como dada" (p. 23) e "tende a colher tudo como natureza" (p. 13). Portanto, a "análise pura e direta da consciência" (p. 30) está excluída de experimentos que a tomam apenas indiretamente em suas relações com a natureza (objetivo-temporal). Não sendo objeto de análise, conseqüentemente, o conhecimento que está atuante no fazer científico não é devidamente problematizado e se perde de vista a essência intencional que o estimula. Assim, o pesquisador tem uma posição existencial que diz respeito à sua atuação, mas esta é dispensada de maiores considerações como se a existencialidade não tivesse qualquer implicação com os procedimentos adotados. A fenomenologia é uma teoria do conhecimento, uma gnosiologia que, então, deve ter em consideração o fluxo de consciência que não apenas acompanha o fazer científico, mas o precede no conhecimento pré-científico. Este último é também naturalizador, pois ao não ser problematizado, ao não pôr em questão suas condições de possibilidade e não se perguntar pela essência do que veicula, coloca em prática uma *atitude natural*. A *atitude natural* não é menos atuante no fazer científico naturalista, pois é evidente a ausência de questionamento das condições de possibilidade últimas do conhecimento, isto é, da própria consciência. Trazer à tona estas condições de possibilidade significa ir além da crítica negativa e realizar a crítica positiva que Husserl clama como a mais necessária para esclarecer princípios e métodos de uma filosofia como ciência rigorosa. Propõe-se que se assumam uma *atitude fenomenológica* onde haja pré-disposição ao abandono de pré-posições, considerações teóricas, científicas ou não, para que se reinicie o conhecer do princípio, em constatações dos atos conscienciais que estejam em questão: percepção, recordação, representação, fantasia, expectativa, crença, juízo, identificação, distinção etc.

Pode-se, por outro lado, ver na posição historicista uma espécie de atenção exclusiva, ou predominante, a elaborados produtos da consciência derivados das atividades espirituais que a análise revela ser o conhecer, o valorar e o querer. É, portanto, uma filosofia independente de relações de caráter naturalista (físico), mas estando em função das relações entre altas produções espirituais que definem uma *cultura*, uma *sabedoria*, uma *visão de mundo e da vida*. A história, assim, é determinante enquanto descobridora do *espírito coletivo* que pertence a uma comunidade e a uma época. Contudo, ao se bastar aí, na assunção de legitimidade teórica relativa à época e a seu próprio complexo de valores e modos de avaliar, julgar e querer, esta filosofia dá à história a suposta chave interpretativa gnosiológica a que, fundamentalmente, não tem direito. Por mais elevadas que sejam tais produções espirituais, Husserl (1910-11/2005a) lhes atribuirá o caráter de "habitus como sedimento dos atos passados no correr da vida, nos quais se realizou uma tomada de posição no âmbito da experiência natural" (p. 83). O retorno da *atitude natural* sinaliza a inconsistência teórica da filosofia historicista. O que lhe falta é o caráter científico que busque mais do que o sentido *histórico*; busque o sentido permanente que fica sombreado por concepções e teorias, *habitus* naturalizados que escamoteiam a *visão de essência* por um encanto da *atitude natural*. A fenomenologia, a fim de exercer sua crítica positiva, recorre, então, à origem do conhecimento no desvelar da "*intuição imediata*" (p. 54). A descrição fenomenológica, pois, enunciará conceitos de essência que façam justamente o resgate da *visão de essência*. Uma psicologia apropriada, ou pelo menos a fundação desta psicologia, portanto, visará o fenômeno psíquico numa apreensão direta – como não poderia ser diferente, já que o mesmo não é *natureza* (física) e, embora se articule existencialmente, não é equivalente ao espaço mensurável, ao tempo



(cronológico), à causalidade e à substancialidade, mas é propriamente fenômeno. Nesta psicologia o fenômeno psíquico é uma vivência intuída na reflexão que, colhida e compreendida, poderá se identificar em sínteses (*apercepção psicológica*) com novas experiências vivenciais de registro psíquico. No relacionamento intersubjetivo esta síntese encontrará e reconhecerá novas experiências correspondentes que constituem *uma espécie de visão indireta do psíquico* pelo ato característico e imediato da empatia. Se a empatia é imediata, conforme as análises das *Meditações Cartesianas* (Husserl, 1929/2001a), as formas co-estabelecidas pela intersubjetividade podem ser menos ou mais mediadas, assumindo múltiplas configurações entre as quais se inclui a *objetividade*. O compartilhamento intersubjetivo que configura a objetividade científica dá mostras de que na própria objetividade há um compartilhar obscuro de camadas intencionais que podem ser trazidas à luz pela escavação fenomenológica. Deste manifesto da fenomenologia, pode-se depreender que o resgate do sentido, daquela intenção submersa na reificação do mundo e do homem, é tarefa do fenomenólogo, mas também, poder-se-ia dizer, do psicólogo contemporâneo inspirado pela evidenciação ética da fenomenologia. O rigor experimental da ciência empírica no estudo específico da natureza transborda aquilo que deveriam ser suas fronteiras e, seguindo-se inevitavelmente a seus absurdos teóricos, "o naturalista *ensina, prega, moraliza e reforma*" (Husserl, 1910-11/2005a, p. 16) baseado em absurdos *teóricos, axiológicos e éticos*. Husserl julga que a filosofia sempre almejou ser uma ciência rigorosa e, para tanto, buscou idéias de validade eterna. Limitar-se a aplacar a indigência de seu tempo era para Husserl (1910-11/2005a) sacrificar a eternidade e deixar ao futuro apenas indigência sobre indigência. O conhecimento científico supratemporal – construído como "resultado de um trabalho coletivo de gerações de estudiosos" (p. 101) – "não é limitado por algumas relações com o espírito de uma época" (p. 90). A vocação de racionalidade do ser humano não poderia ser suplantada por intenções obscuras. Daí a perspectiva ético-religiosa que a filosofia sempre buscou e que a radicalidade metodológica da fenomenologia propõe trazer à tona.

A vida ética na fenomenologia

Embora este artigo não tenha a intenção de dirimir os inúmeros preconceitos que orbitam no campo da fenomenologia, o próprio estilo da abordagem fenomenológica é por si mesma subtrativo e, como tal, tem de eliminar pré-concepções. Como este campo é teoricamente tão amplo como o próprio conhecimento, torna-se válido citar alguns dos preconceitos mais comuns, sem, contudo, analisá-los, mas remetê-los a fontes bibliográficas que o fazem. Inicialmente cabe desfazer o preconceito relativo ao suposto individualismo monádico de um sujeito equivalente ao cartesiano nas análises de Husserl. Apenas sugerindo a posição de valor contrário – e sem maiores delongas – tome-se a afirmação de Husserl (1935/1996): "Vida pessoal é um viver em comunidade como eu e nós, dentro de um horizonte comunitário" (p. 65). As análises fenomenológicas podem sim suspender a vida pessoal, mas apenas temporária e estrategicamente a fim de reduzir a compreensão de um determinado fenômeno a fim de evidenciá-lo. Contudo a vida pessoal é também um fenômeno e não deixa de existir enquanto suspenso. Para compreender a essência intersubjetiva da consciência intencional da fenomenologia reenviamos a Ales Bello (2006), Stein (1917/1998) e ao próprio Husserl (1929/2001a, 1905-1935/2001b, 1905-1935/2001c). Dada tal asserção e sem mais delongas, facilita-se a compreensão de que a vida ética husserliana é de natureza comunitária e, como tal, da ordem do entrelaçamento de vivências corpórea, anímica (psíquica) e, acima de tudo, espiritual (veja-se Ales Bello, 2006), enquanto é no registro dos atos de tipo espiritual que se dão a reflexão e a decisão, portanto, processo e produto éticos. Daí Husserl (1935/1996) vincular a crise européia – com toda a ordem de



conseqüências práticas que será qualificada como “*enfermidade*” (p. 68) na década de 1930 e, anteriormente, prenunciada como *crecente perigo* – ao *modo de pensar* que predominava (e predomina) sem fazer um uso genuíno da racionalidade. Portanto tem-se a inseparabilidade entre subjetividade, intersubjetividade, comunidade, atividade espiritual (que se manifesta como *modo de pensar*, materializando-se nos objetos culturais) e ética, já que a compreensão de cada um destes fenômenos se abrirá à consideração essencialmente articulada com os demais. A ética – e também todas as categorias anteriores – não é um agregado à comunidade e ao pensamento, ela toma parte em sua constituição e está calcada num *telos* humano. Este *telos* propriamente humano não é um projeto pronto, mas é uma tensão aberta e com sua própria essência, caracterizada por uma fenomenologia contemporânea como Tymieniecka, pela *função criativa* (Ales Bello, 1997). O que significa atribuir à ética um aspecto constitutivo do pensamento? O que significa isto quando se admite que ética e pensamento são fenômenos diferentes? Ao ter em consideração somente o pensamento enquanto lógica formal, pode-se facilmente notar a presença de um valor no encadeamento lógico acertado, valor que não se reconheceria apenas e exclusivamente pela lógica, mas que se liga atrativa e essencialmente a esta tensão. No caso *européu*, esta tensão assumiu seu mais alto constructo na perspectiva ético-religiosa vigente na intenção filosófica. Entendendo que a noção de valor que permite a emergência da lógica é uma manifestação desta tensão, é preciso explorá-la em sua sedimentação. Do contrário, assumindo-se como isolada e exclusiva em seu ato, a razão se torna racionalismo e a ciência pautada neste racionalismo perde o caráter de racionalidade restringindo-se a atuar como técnica – ao mesmo tempo em que “*tecnifica*” o homem ao formá-lo. É nesta perda, ocorrida sobretudo a partir do Renascimento e da figura científica inaugurada por Galileu, que, pode-se dizer inspirado em Husserl, a ciência começa a perder contato com sua alma. Ao objetivar toda a realidade o cientista natural deixa de considerar sua existencialidade atuando no fazer científico. A racionalidade filosófica autêntica, ao contrário, sempre busca os próprios fundamentos de seu atuar. Estes fundamentos são intencionais e permaneceriam presentes no sentido original da filosofia que, para Husserl (1935/1996), “*corretamente traduzida (...) é um outro nome para ciência universal, a ciência da totalidade do mundo*” (p. 73). É, pois, neste panorama que a psicologia deve ser compreendida como tendo um papel inadiável para a revitalização ética do mundo ocidental. Originalmente este papel é da filosofia e continua sendo enquanto são as dimensões filosóficas da psicologia que norteiam seu sentido. Contudo, enquanto áreas de conhecimento e atuação profissionais, mais do que a filosofia, a psicologia contemporânea – em seu sentido histórico profissional vago – se propõe a ser uma ciência e prática interventiva e atua como tal em múltiplos campos sociais. Resgatar os fundamentos da atuação racional é trazê-la da alienação racionalista à auto-consciência indagadora da racionalidade. Trata-se propriamente de um resgate que, mesmo sendo produtivo, não é invenção de algo inédito, mas um re-contatar inovador de aspectos da condição humana que são de ordem psíquica e se têm mantido soterrados abaixo das fantásticas produções espirituais realizadas na modernidade. A psicologia, como sugere seu próprio nome, deve propor-se a resgatar a alma perdida no labirinto racionalista somando esforços junto à filosofia. Enquanto um determinado modo de pensar, diagnosticado como sendo enfermo, desligou sua consciência reducionista da alma, as análises husserlianas reconhecem que a verdadeira racionalidade filosófica nunca teria deixado de buscar o sentido iluminado de seu fazer, o que não pode ser dissociado de seu querer, seu desejo, seu afeto, seu sentido comunitário de amizade. A humanidade ocidental germinada nesta racionalidade filosófica tende à totalidade e, embora nunca tenha atingido e nunca vá atingir uma *maturidade* plena, é nesta tensão que se constitui e amadurece.



Creio que nós sentimos (e apesar de toda obscuridade, este sentimento provavelmente tem sua razão) que à nossa humanidade européia está inata uma entelúquia que domina todas as mudanças de formas européias e lhe confere o sentido de uma evolução em direção a um pólo eterno (Husserl, 1935/1996, p. 71-72).

O sentimento aqui, obscuro, mas com sua provável razão de ser, domina as formas teóricas e práticas de ser no mundo europeu. Trata-se de um registro psíquico, este mais obscuro – por ser mais profundo e mais desafiado à fixação – que os registros corpóreo e espiritual. Husserl (1935/1996) considera que a entelúquia age como um pré-sentimento vivo e serve como guia intencional que “em todas as ordens de descoberta [é] o detector afetivo” (p. 72).

Os artigos da revista *Kaizo* são vivamente significativos, para o presente propósito, por tratarem explicitamente a problemática da vida ética enquanto problemática pessoal. A apercepção da própria vida, seguida de reflexão é, de certa forma, o método ético geral que pode, contudo, ser aperfeiçoado pelo simples esforço de tomar consciência de si. Joumier (1922-25/2005) dirá que “por essência, o homem persegue fins, conhece a decepção, desenvolve uma reflexão crítica geral destinada a prevenir seus fracassos e visa à realização da meta, conscientemente ou obscuramente, a dar a sua vida inteira uma forma nova trazendo-lhe a maior satisfação possível” (p. 16). Deste transcórrer podem ser extraídas as características que configuram a ética: “consciência de si, liberdade, faculdade de pensamento geral, esforço em direção às metas” (idem). Entretanto, mesmo considerando-se com Husserl que seja da “essência da vida do homem (...) que ela se desenrole continuamente sob a forma de *esforço*” (Husserl, 1922-25/2005b, p. 45), esforço positivo em direção a um objetivo de valor positivo, vários podem ser os obstáculos pessoais (e não apenas factuais) que no “combate para uma vida de *pleno valor*” (Husserl, 1922-25/2005b, p. 45) impeçam sua realização. Este combate é da essência da vida do sujeito. Valores diversos disputam o lugar de valor constitutivo da realização desta vida do sujeito. A pro-tensão que configura a vida futura de alguém, todavia, pode ser apreendida por um olhar de conjunto que se valha de atos conscienciais diversos como a *imaginação*, o *desejo* e, sobretudo, a *avaliação*, sinalizando “que valores de um gênero particular, que ele pode a cada instante escolher como alvo de sua ação, têm para ele o caráter de valores desejados incondicionalmente em que, sem a realização contínua destes, ele não poderia encontrar nenhum contentamento” (Husserl, 1922-25/2005b, p. 47). O reconhecimento desses valores desejados incondicionalmente é o reconhecimento daquilo que faz uma “vocação” ou “missão” (*Beruf*), um chamado que se encontra no fundo da personalidade (Monseu, 2008).

Desejo, imaginação e avaliação: atos que, nesta ordem, apoiados e impulsionados pela corporeidade, passam do registro exclusivamente psíquico ao intermediário e ao registro exclusivamente espiritual; isto é, o latente se torna patente, o implícito se torna explícito, mas o explícito se torna abstração, exigindo a recondução fenomenológica a seu valor de origem, às suas vivências constitutivas, à intuição que dá luz ao vazio do sentido abstraído. No pensamento fenomenológico o resgate da dimensão psíquica seria, então, algo próprio à reflexão filosófica autêntica, isto é, aquela não parcial e fragmentada da filosofia oriunda da ciência naturalista. Por outro lado o psicologismo, nascido na filosofia como simples *visão de mundo*, seria um super dimensionamento do psiquismo e de sua variação que não leva em consideração a apreensão do invariante *eidético* pela atividade espiritual avaliativa. A ciência, feita do modo como é hoje hegemônica, teria, portanto, o papel de fornecer informações, mas não prescrições, ou seja, não um norte ético. Tal norte pode se dar num esforço conjunto das ciências humanas, especialmente da psicologia quando se considera a conclusão de Ales Bello em seu artigo sobre a



ética nas ciências humanas: "está aí a necessidade do escavo pessoal na própria dimensão psíquica e espiritual para encontrar os critérios de orientação em relação aos outros; a dimensão ética, de fato, é uma dimensão contemporaneamente subjetiva e intersubjetiva" (Ales Bello, 2006, p. 13). Um desequilíbrio extremo desta dupla dimensionalidade, segue o raciocínio de Ales Bello, por um lado polariza-se como arbitrariedade, por outro como totalitarismo. Nas análises de Husserl, a "realização de si enquanto pessoa", a "ética da responsabilidade individual", está intimamente articulada à constituição comunitária da pessoa, abrindo-se, portanto, a uma "ética social", conforme mostra Perreau (2008).

Retomando a avaliação de Joumier (1922-25/2005) e estendendo-a não apenas para frente dos anos 1920, mas também para trás, a ética é onipresente na obra de Husserl. De fato, se num momento como o da *Filosofia como ciência rigorosa* os modos de pensar eram associados a um perigo crescente para a cultura, num momento posterior, como aquele da conferência de Viena, não se trata mais de uma situação arriscada, mas já de um perigo consumado enquanto, mais radicalmente, o próprio modo de pensar é reconhecido como sendo a enfermidade. A ética na fenomenologia, pode-se concluir pelo conjunto da obra husserliana, confunde-se com o próprio fazer fenomenológico, como busca contínua e metódica que retoma o sentido de conjunto da vida pessoal evitando os desequilíbrios naturalistas e psicologistas que, ilustrativamente, se desdobram respectivamente em abordagens técnico dogmáticas sobre o psiquismo e em abordagens nas quais se sobrepõe a arbitrariedade do funcionamento psíquico às tomadas de decisão conscientes e aos posicionamentos pessoais livres.

A obra de Husserl propõe uma gnosiologia que se desenvolve como propedêutica às ciências. Por um lado, seguindo o raciocínio propedêutico, pode-se trabalhar no sentido de fornecer fundações fenomenológicas *a priori* para a psicologia e suas aplicações, ou seja, sua explicitação científica e as explicitações normativas apropriadas ao seu exercício prático, tarefas exigentes que parecem ainda não terem se cumprido. Por outro lado, pode-se, ao invés de uma aposta e uma espera pela apropriação de tais fundações por parte da comunidade de psicólogos, tornar presente a prática fenomenológica na psicologia atual, como área de conhecimento e intervenção, a fim de estimulá-la interiormente por um norteamento ético transformador. Essa possibilidade vai de encontro a uma compreensão experiencial da fenomenologia que a põe em prática, antes de mais, como reflexão pessoal-comunitária explicitadora dos sentidos que se mostram determinantes na busca pela vida ética.

Referências

- Ales Bello, A. (1997). The entelechial principle in the onto-poiesis of life: from Aristotle to Recent Phenomenology. *Analecta Husserliana*, L, 25-31.
- Ales Bello, A. (2006). Fenomenologia e scienze umane: implicazioni etiche. Em Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa (Org.). *Anais III SIPEQ & V EFAE* (pp. 01-17). São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo. Retirado em 10/02/2011, da World Wide Web: <http://www.sepq.org.br/IIIisipeq/anais/pdfs/c2.pdf>
- Bodei, R. (2000). *A filosofia do século XX* (M. Florenzano, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Original publicado em 1997).
- Ferrarelo, S. (2008). L'idée de science éthique et ses implications dans le cadre de la science phénoménologique. *Études Phénoménologiques*, 48, 37-66.
- Husserl, E. (1996). *A crise da humanidade européia e a filosofia* (U. Zilles, Trad.). Porto Alegre: Edipucrs. (Original publicado em 1935).



- Husserl, E. (2001a). *Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia* (F. Oliveira, Trad.). São Paulo: Madras. (Original publicado em 1929).
- Husserl, E. (2001b). *Sur l'intersubjectivité I* (N. Depraz, Trad.). Paris: PUF. (Originais de 1905-1935, publicação póstuma em 1973).
- Husserl, E. (2001c). *Sur l'intersubjectivité II* (N. Depraz, Trad.). Paris: PUF. (Originais de 1905-1935, publicação póstuma em 1973).
- Husserl, E. (2005a). *La filosofia come scienza rigorosa* (C. Sinigaglia, Trad.). Roma: Economica Laterza. (Original publicado em 1910-11).
- Husserl, E. (2005b). *Sur le renouveau: cinq articles* (L. Joumier, Trad.). Paris: Vrin. (Original publicado em 1922-25).
- Husserl, E. (2006). *Expérience et jugement: recherches en vue d'une généalogie de la logique* (D. Souches-Dagues, Trad.). Paris: PUF. (Original de 1938, publicação póstuma em 1954).
- Husserl, E. (2009). *Leçons sur l'éthique et la théorie de la valeur (1908-1914)*. (P. Ducat, P. Lang, C. Lobo, Trad.). Paris: PUF. (Originais de 1908-1914, publicação póstuma em 1988).
- Joumier, L. (2005). *Préface*. Em E. Husserl. *Sur le renouveau: cinq articles* (L. Joumier, Trad.). Paris: Vrin. (Original publicado em 1922-25).
- Melle, U. (1991). The development of Husserls' ethics. *Études phénoménologiques*, 13-14, 115-135
- Monseu, N. (2008). Personne et motivation dans a deuxième éthique de Husserl. *Études Phénoménologiques*, 48, 67-87.
- Perreau, L. (2008). "L'homme en grand": l'idée husserlienne d'une éthique sociale et le concept de «personnalité d'ordre supérieur». *Études Phénoménologiques*, 48, 123-148.
- Stein, E. (1998). *Il problema dell'empatia* (2ª ed.). (E. Costantini, Trad.). Roma: Edizione Studium. (Original publicado em 1917).
- Trincia, F. S. (2007). The ethical imperative in Edmund Husserl. *Husserl Studies*, 23, 169-186.

Nota sobre o autor

Cristiano Roque Antunes Barreira - psicólogo, professor doutor da *Escola de Artes, Ciências e Humanidades* da Universidade de São Paulo entre 2005 e 2009, é atualmente docente da *Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto* (USP). E-mail: crisroba@gmail.com

Data de recebimento: 28/03/2011
Data de aceite: 29/04/2011